

## ESPAÇO URBANO E ARQUITETURA: ÁREAS DE LAZER

SALA, Letícia Emília de Oliveira.<sup>1</sup>  
DALMINA JÚNIOR, Moacir José.<sup>2</sup>

### RESUMO

Os espaços verdes urbanos representam atualmente um dos principais articuladores da vida social. Esses espaços apresentam inúmeras funções, sendo uma delas o lazer da população. A rotina acelerada e cansativa imposta pela vida urbana pode ser suavizada por atividades realizadas nessas áreas livres. Elas são pontos de encontro e integração, promovem a diversidade cultural da sociedade e criam um valor simbólico e uma identidade para tal espaço. A presença dessas áreas no contexto urbano proporcionam vários resultados positivos, como por exemplo, a melhoria da qualidade de vida. Compete a arquitetura intervir nesses espaços, entendendo a necessidade e utilização dele pela população, de modo a propor elementos arquitetônicos, desde edifícios e mobiliários urbanos à elementos naturais, onde estes incorporem toda uma conceituação relacionada com aquele determinado espaço, atraindo visualmente a população e sendo capaz de transmitir sensações à ela, tornando-se um espaço de referência dentro do contexto urbano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espaço Urbano, Áreas livres, Lazer, Arquitetura.

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade apresentar uma pesquisa bibliográfica sobre o lazer no espaço urbano e sua relação com a arquitetura. O objetivo de realizar uma pesquisa sobre tal tema está no interesse de compreender qual o papel da arquitetura em relação ao crescimento das áreas livres nas cidades.

Dentro da biografia, serão resgatadas e analisadas teorias, destacando principalmente a importância dos espaços públicos destinados ao lazer. O lazer faz parte das necessidades sociais de um indivíduo, o ser humano necessita de momentos de descanso e convívio social. Por isso, a população busca espaços para sair da rotina e descansar, e daí a importância da cidade oferecer tais locais, como parques e praças, proporcionando opções de lazer de acesso a todos habitantes.

---

<sup>1</sup>Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, pelo Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: leticia-sala@hotmail.com

<sup>2</sup>Professor orientador, do curso de Arquitetura e Urbanismo – FAG. Mestre em Engenharia de Energia na Agricultura pela UNIOESTE. E-mail: moa.dalmina@gmail.com

Além dos benefícios para os habitantes, esses espaços urbanos livres contribuem para a sustentabilidade urbana, minimização dos problemas ambientais urbanos e com seus atributos estéticos diversificam a paisagem e embelezam a cidade.

O papel da arquitetura é tornar esses espaços agradáveis, atraentes e convidativos para a população. Elementos arquitetônicos, paisagismo, desenho das calçadas e ciclovias e todo um conjunto de mobiliários urbanos criam uma identidade e significados para o espaço, agregando mais valor e fazendo dos espaços públicos de lazer uma referência dentro das cidades.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Como forma de apresentar as revisões bibliográficas realizadas ao decorrer do processo de pesquisa, assim como fundamentar o tema de áreas verdes e lazer e, retratar a contribuição da arquitetura nesse espaço, o presente capítulo é composto em um primeiro momento pela abordagem sobre espaço urbano, espaços de lazer, seguido das relações entre arquitetura e tais espaços de forma a evidenciar a contribuição da arquitetura na composição desses espaços.

### **2.1 ESPAÇO URBANO**

O espaço urbano quando compartilhado possibilita a troca de experiência de seus habitantes, facilita a comunicação, encontro e convivências agradáveis. O seu maior atrativo é sua capacidade de surpreender e promover espontaneidade e flexibilidade. Sendo um lugar de diversidades, o espaço público torna possível a integração e convívio sem anular as diferenças existentes (BAUMAN, 2009).

A vida urbana acontece cada vez mais nos espaços públicos, que abrigam tanto os propósitos humanos quanto os processos naturais. Esses espaços tem o papel de promover encontro entre os grupos sociais, de muitas maneiras diferentes (LIRA FILHO, 2001).

Choay (2003) relata que o espaço urbano é traçado de acordo com uma análise das funções humanas, definindo assim locais para a habitação, trabalho, cultura e lazer. Para Waterman (2010), a melhor maneira de entender como funciona um espaço público é observá-lo, ver como as pessoas se comportam e como utilizam tal espaço.

Segundo Romero (2001) os espaços públicos tem exercido uma dupla função: embelezar a cidade e ser um objeto para a intervenção pública. Assim, esses espaços não devem ser um objeto

acabado que se entrega à população e sim, os melhores espaços públicos são aqueles que ao longo do tempo sofrem graduais mudanças e alterações para atender as necessidades da população e melhorar sua qualidade.

Outro ponto importante é pensar em incluir a função que falta a determinada região, se falta, por exemplo, lazer, traz-se uma estrutura de lazer. Não se pode esquecer que a cidade é o cenário de encontro e é uma integração de funções. Identificar as necessidades é essencial para o constante desenvolvimento do espaço urbano buscando sempre somar aspectos positivos para a imagem da cidade (LERNER, 2011).

Os espaços livres são importantes simbolicamente uma vez que o ambiente e os objetos nele inseridos se tornam ponto de referência na paisagem da cidade, sendo um elemento importante na formação da identidade de uma cidade além do embelezamento da paisagem urbana. Esses espaços verdes, que trazem a natureza para dentro da cidade, são muitas vezes associados a oásis em meio à urbanização (ROBBA; MACEDO, 2010).

## 2.2 O LAZER NO ESPAÇO URBANO

Desde a arquitetura antiga percebe-se a presença de construções e espaços para uso da população como forma de lazer e recreação. A Carta de Atenas expõe que a criação e manutenção de espaços livres são uma necessidade e uma questão de saúde pública para o homem. Todos os espaços livres possuem a mesma destinação e objetivo que é acolher as atividades coletivas da população e propiciar um espaço favorável às recreações, distrações e passeios das horas de lazer (CORBUSIER, 1993).

A partir do século XIX, houve a necessidade de conceder às cidades espaços adequados para atender uma nova demanda social: o lazer. Logo, esses espaços são um produto da cidade da era industrial. A evolução desses espaços vem acompanhando as mudanças urbanísticas da cidade, sendo uma forma de testemunho dos valores sociais e culturais da sociedade urbana (MACEDO; SAKATA, 2003).

O urbanismo moderno estabeleceu o lazer como de grande importância para o habitante do século XX, o espaço urbano devia ser planejado suprimindo as necessidades da cidade em relação a habitação, trabalho, circulação e lazer. (ROBBA; MACEDO, 2010).

O lazer é uma necessidade humana e pode ser definido como “o tempo que as pessoas dispõem para realizar atividades, de forma ativa ou passiva, quando não estão trabalhando,

dormindo ou atendendo às necessidades pessoais”. Os parques e praças urbanas estão incluídos dentro desse contexto de área de lazer, possibilitando utilizações variadas para os diferentes tipos de lazer: contemplativo, recreativo, esportivo, e cultural (LIRA FILHO, 2001).

O papel de praças e áreas livres alterou-se significativamente ao longo dos anos, porém seu caráter social continua a ser sua principal e mais importante característica. Os espaços livres públicos são uma das opções mais relevante de área de lazer urbano e essenciais para a melhoria da qualidade ambiental, já que permitem melhor circulação do ar, insolação e drenagem, além de se tornarem referenciais na paisagem da cidade (ROBBA e MACEDO, 2010).

Quanto aos objetivos e funções desses espaços, não existe uma definição exclusiva e única, pois, depende das necessidades, pensamentos e gostos de um grupo de determinada época, as funções se adequam para suprir tais necessidades e carências da comunidade e assim existem parques com os mais variados focos e atrações (SCALISE, 2002).

Amplos espaços deverão ser reservados e organizados. Esses espaços não terão por função somente o embelezamento da cidade, mas sim antes de qualquer coisa, devem ter um papel útil, oferecendo várias opções de atividades saudáveis e entretenimento aos habitantes da cidade, como passeio sem meio à beleza dos lugares, esportes, teatros e concertos ao ar livre e eventos diversos (CORBUSIER, 1993).

O papel real de um parque é ser um espaço livre e público estruturado com por vegetação e dedicado ao lazer da população urbana. Atualmente esses espaços atendem uma variedade de tipos de lazer, tanto esportivos como culturais, não sendo necessariamente destinado somente para o lazer contemplativo (MACEDO e SAKATA, 2003).

Os parques urbanos devem incluir áreas especiais destinadas a feiras, exposições, explanadas para grandes eventos (MASCARÓ, 2008). Muito mais do que um simples equipamento de lazer, parques urbanos e áreas livres podem revelar características de determinada cidade ou de grupos específicos. Também podem ser palco de momentos históricos e ações transformadoras da realidade (NUNES JUNIOR, 2011).

Arte e arquitetura sempre estão presentes na intervenção paisagística. Os projetos paisagísticos como objeto arquitetônico e artístico pressupõem a criação de novos significados para a paisagem, onde esses significados utilizam as qualidades culturais e naturais do lugar para gerar uma realidade própria, por meio de conceitos que formam o espaço físico e seu uso, apresentando-se à vivência de quem o utiliza gerando novas perspectivas (FARAH *et al.*, 2010).

A criação de áreas verdes e seu paisagismo traz qualidade de vida para a população já que oferecem o contato com a natureza e estruturas, que quando adequadas, são determinantes para a utilização do espaço pela população (SZEREMETA e ZANNIN, 2013).

Assim, existe a necessidade de criar paisagens que proporcionem o contato com a natureza, contemplação, descanso e prazer à população em desfrutar destes espaços, esportes e lazer ao ar livre. Um jardim não se compõe apenas de plantas, mas também de elementos que complementem a composição paisagística, conforme a necessidade, podendo ser edificações, quadras de esportes, playgrounds, quiosques, mobiliário, vias de acesso, luminárias entre outros exemplos (LIRA FILHO, 2002).

### 2.3 O PAPEL DA ARQUITETURA NAS ÁREAS LIVRES

Para Coelho Netto (2002), criar um espaço, sobretudo na arquitetura “pública” e em urbanística, não é simplesmente estabelecer formas, espalhar elementos numa representação desse espaço para depois executá-lo. Esse é uma das questões da produção do espaço, mas está longe de defini-la inteiramente, para entender o tamanho desse conceito é preciso questionar desde o começo, o que leva a um sistema de produção. É seguindo as fases desse sistema que se percebe as necessidades humanas e assim adequar os espaços conforme essas necessidades.

Da mesma forma, Choay (2003) diz que os espaços livres possuem uma função social que se embasa em permitir que as pessoas se reúnam e cabe ao arquiteto estruturar esse espaço de modo a integrar vários elementos que constituam um programa de lazeres.

No mesmo sentido, muitos espaços livres da cidade são áreas pouco conservadas ou até mesmo degradadas, com usos diferentes do proposto originalmente. Isso não chega a ser uma falha projetual, porém os usuários acabam submetendo o espaço a outros usos inesperados que acabam por ser ainda mais interessantes (PRONSATO, 2005).

Conseqüentemente, o segredo é projetar espaços públicos de tal forma que a comunidade se sinta responsável por eles, onde cada membro da sociedade contribua à sua maneira para manter um ambiente agradável com o qual possa se identificar e se relacionar (HERTZBERGER, 1999).

Segundo Scopel (2015) é de extrema importância entender como as pessoas que utilizam determinado espaço percebem o local e o que sentem ao permanecer nele para assim compreender de que modo esse espaço influencia nas sensações e comportamento desses indivíduos.

A arquitetura como qualquer meio de comunicação estética, pode transmitir um vasto espectro de emoções que faz parte de nossas vidas. A arquitetura deve nos sensibilizar nos convidar à observação e contemplação de suas formas, chamando nossa atenção aos seus mínimos detalhes, assim como a arte, a arquitetura não serve somente para embelezar nossa vida, ela também nos propicia emoção e sensações (COLIN, 2000).

A intenção é intervir na paisagem urbana, através da óptica com elementos arquitetônicos como edifícios, mobiliário urbano e aproveitamento de elementos naturais, criando espaços que transmitam diferentes sensações aos usuários de diferentes perspectivas e percepções (CULLEN, 1996).

Dada a importância de atender vários sentidos no ambiente, os arquitetos podem proporcionar isto incorporando em suas obras o conceito de união entre a matéria, sensações e percepções que sejam capazes de despertar emoções no lugar, criando um ambiente familiar visando a relação mais completa entre o homem e o ambiente. A percepção humana é ativada por ambientes e objetos através dos diferentes sentidos humanos, proporcionando sensações visuais, auditivas, gustativas, táteis e mentais (ALCANTARA *et al.*, 2004).

Percebe-se que a arquitetura vai muito além de embelezar espaços, ela é um estudo que influencia o funcionamento de espaços, que aliada a psicologia e a reflexão das percepções garante que os ambientes sejam estimulantes além de confortáveis para seus usuários. É evidente que a utilização de certos elementos, como a cor e iluminação, bem projetados podem afetar diretamente as percepções, sensações e impressões sobre um ambiente tal como influenciar o bem-estar dos usuários e as atividades que serão realizadas ali (SCOPEL, 2015).

### 3. METODOLOGIA

A realização deste trabalho se deu a partir de pesquisas bibliográficas, buscaram-se teses, artigos e autores que já trataram do assunto como base e fonte de informação para a elaboração do artigo.

Seja qual for o assunto a ser tratado, sempre é necessário à realização de uma pesquisa bibliográfica para alcançar uma fundamentação prévia do tema (PARRA FILHO E SANTOS, 1999).

A bibliografia nada mais é que o conjunto de livros escritos sobre determinado assunto e a pesquisa bibliográfica consiste na consulta dessas fontes, para levantamento e análise do que já se

produziu sobre determinado assunto que assumimos como tema de pesquisa científica (RUIZ, 2002).

#### 4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

A partir do conteúdo exposto, confirmou-se a importância de áreas livres no contexto urbano e na qualidade de vida da população. Para Keeler e Burke (2010) o homem tem a necessidade de ter contato e se conectar com o ambiente externo, a aproximação com o verde provoca uma sensação agradável, o contato visual com o céu e a sensação do ar exterior sobre a pele são naturalmente reconfortantes.

Os espaços livres e jardins foram entendidos por muito tempo como um luxo e grandeza, mas, atualmente são reconhecidos por propiciarem uma identidade cultural à nossa cidade além do lazer, diversão e bem-estar da população (FARAH *et al.*, 2010).

Atualmente, com o ritmo de vida acelerado o paisagismo trás a natureza para perto das pessoas. Com isso, as áreas verdes nas cidades tornou-se muito mais importante do que no passado, para o equilíbrio e a qualidade de vida para população urbana (ABBUD, 2006).

As áreas verdes nas cidades procuram aliar o aspecto de conservação da natureza, criando ambientes de contemplação, esporte e lazer, introduzindo novas espécies e reservando a arborização já presente no local. Para se obter praças, parques e demais áreas verdes bonitas e agradáveis para descanso, contemplação e prática de esportes é necessário uma boa e correta implantação (GATTO e WENDLING, 2002).

Nessas áreas onde a atenção é centrada no uso público e comunitário, é papel da arquitetura promover a ambientação através de espaços de convivência destinados a atividades recreativas, de lazer e convívio social. A circulação de pedestres, o desenho das calçadas, vias e edificações desses espaços devem ser estudados e contextualizados para um melhor uso por seus usuários. A arquitetura deve atrair visualmente, com suas soluções formais, funcionais e esteticamente organizadas, de forma a atender a um programa de necessidades e atividades que responda aos anseios da população (CAU/SP, 2017).

Entretanto, não só os aspectos relativos à arquitetura devem ser levados em consideração, mas também toda a relação com o paisagismo, alinhando as necessidades e características que virão a dar significado e importância aos espaços criados. Além de um projeto paisagístico, é fundamental projetar para esses espaços mobiliários, equipamentos, iluminação, sinalização, obras de arte, entre

outros, de forma a agregar ainda mais valor e significado a esses espaços no contexto urbano (CAU/SP, 2017).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou compreender a relação da arquitetura e os espaços urbanos destinados ao lazer. A partir do conteúdo exposto, confirmou-se a importância que a arquitetura exerce na composição desses espaços, através de estudos sobre a necessidade e anseios da população, elementos arquitetônicos, desenhos das calçadas, mobiliários urbanos, paisagismo e todo um conjunto de elementos que o compõem e que o tornam atraentes para a população e referência da paisagem urbana.

## REFERÊNCIAS

ABBUD, B. **Criando Paisagens:** guia de trabalho em arquitetura paisagística. São Paulo: SENAC, 2006.

ALCANTARA, D. de; ARAÚJO, M. Q.; RHEINGANTZ, P. A. **Os sentidos humanos e a construção do lugar:** em busca do caminho do meio para o desenho universal. Anais do Seminário Acessibilidade no Cotidiano (CD-Rom). Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <[http://www.prologar.fau.ufrj.br/wp-content/uploads/2017/10/os\\_sentidos\\_humanos\\_safe.pdf](http://www.prologar.fau.ufrj.br/wp-content/uploads/2017/10/os_sentidos_humanos_safe.pdf)> Acesso em: 29 mar. 2018

BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. Disponível em: <<http://elivros.love/book/baixar-livro-confianca-e-medo-na-cidade-zygmunt-bauman-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>> Acesso em: 12 mar. 2018.

CAU/SP. **Arquitetura Paisagística:** Projetos de áreas verdes públicas. 2017. Disponível em: <<http://www.causp.gov.br/wp-content/uploads/2017/04/Projetos-de-%C3%A1reas-verdes-p%C3%BAblicas-V3.pdf>> Acesso em: 28 set. 2018.

CHOAY, F. **O Urbanismo.** 5 ed. São Paulo, SP: Editora Perspectiva S.A., 2003.

COLIN, S. **Introdução à Arquitetura.** Rio de Janeiro: UAPÊ, 2000.

CORBUSIER, L. **A Carta de Atenas.** São Paulo, SP: Editora EdUSP, 1993.

CULLEN, G. **Paisagem urbana.** Lisboa: Edições 70, 1996.

FARAH, I.; SCHLLE, M. B.; TARDIN, R. **Arquitetura Paisagística Contemporânea no Brasil.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.



GATTO, A.; WENDLING, I. **Solo, planta e água na formação da paisagem**. Viçosa, MG: Aprenda Fácil, 2002.

HERTZBERGER, H. **Lições de Arquitetura**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KEELER, M.; BURKE, B. **Fundamentos de Projeto de Edificações Sustentáveis**. Porto Alegre: Brookman, 2010.

LERNER, J. **Acupuntura urbana**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LIRA FILHO, J. A. **Paisagismo: elementos de composição e estética**. Viçosa, MG: Aprenda Fácil, 2002. Disponível em: <[http://www.uesb.br/flower/alunos/arquivos/\(paisagismo%20elementos%20de%20composicao%20e%20es%20-%20JOSE%20AUGUSTO%20DE%20LIRA%20FILHO\[1\].pdf](http://www.uesb.br/flower/alunos/arquivos/(paisagismo%20elementos%20de%20composicao%20e%20es%20-%20JOSE%20AUGUSTO%20DE%20LIRA%20FILHO[1].pdf)> Acesso em: 11 mai. 2018.

LIRA FILHO, J. A. **Paisagismo: Princípios básicos**. Viçosa, MG: Aprenda Fácil, 2001.

MACEDO, S. S.; SAKATA, F. G. **Parques urbanos no Brasil**. 2 ed. São Paulo, SP: EDUSP, 2003.

MASCARÓ, J. L. **Infra-estrutura da paisagem**. Porto Alegre: Masquatro, 2008.

NETTO, J. T. C. **A construção do sentido na arquitetura**. 5 ed. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 2002.

NUNES JUNIOR, P. C. Parques urbanos: intersecções entre lazer e espaço na cidade. In: **Lazer e Sociedade**. Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. São Paulo: EACH/USP: Aleph, 2011.

PARRA FILHO, D.; SANTOS, J. A. **Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Futura, 1998.

PRONSATO, S. A. D. **Arquitetura e Paisagem Projeto Participativo e Criação Coletiva**. São Paulo, SP: Editora Annablume; Fapesp; Fupam, 2005.

ROBBA, F.; MACEDO, S. S. **Praças Brasileiras**. 3. Ed. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

ROMERO, M. A. B. **Arquitetura Bioclimática do Espaço Público**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

RUIZ, J. A. **Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos**. 5.ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2002.

SCALISE, W. **Parques Urbanos - evolução, projeto, funções e uso**. Revista Assentamentos Humanos, Marília, v4, n. 1, p17-24, 2002. Disponível em: <[http://www.unimar.br/feat/assent\\_humano4/parques.htm](http://www.unimar.br/feat/assent_humano4/parques.htm)> Acesso em: 23 mar. 2018.

SCOPEL, V. G. **Percepções do Ambiente e a Influência das Decisões Arquitetônicas em Espaços de Trabalho.** USTJ – Universidade São Judas Tadeu. Revista Arq.Urb. n.13. 1 Primeiro Semestre. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.usjt.br/arq.urb/numero-13/9-vanessa-scopel.pdf>> Acesso em 29 mar. 2018.

SZEREMETA, B.; ZANNIN, P. H. T. **A importância dos parques urbanos e áreas verdes na promoção da qualidade de vida em cidades.** Revista Ra'ega, Curitiba, v. 29, p. 177-193, dez/2013. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/30747/21483>> Acesso em: 11 mai. 2018.

WATERMAN, T. **Fundamentos de Paisagismo.** Porto Alegre, RS: Editora Bookman, 2010.